

Formas de vida da mulher brasileira. Org. ABRIATA, Vera L. R.; NASCIMENTO, Edna M.F.S. Ribeirão Preto: Coruja. 2012.

Tieko Yamaguchi Miyazaki
(UNEMAT)

Um pequeno grupo de docentes do Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (SP) tem conseguido fortalecer uma orientação teórica implantada desde o início do programa. São professores que participaram ou participam de alguma forma – como docente ou como alunos de pós-graduação – nos programas de pós-graduação de Linguística e Língua Portuguesa ou de Estudos Literários da UNESP, de Araraquara, e que pertencem ao o Grupo CASA, criado em 2000 (cf. o artigo “O Desenho do Arquiteto”, de Ude Baldan, no v. 1, n. 1), idealizado de Ignacio Assis Silva (*In Memoriam*) e que é responsável pelos *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, criados em 2003, primeira revista *on-line* dedicada à semiótica no Brasil e senão na América Latina.

Fruto desse trabalho conjunto é o livro *Formas de vida da mulher brasileira*, organizado por Vera Lúcia Rodella Abriata e Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, editado pela editora Coruja de Ribeirão Preto, em 2012. Como se anuncia no título da

obra, os trabalhos se reúnem ao redor do conceito de “Forma de vida”, aplicado ao tema “A mulher brasileira”. De certa forma, o histórico que abre esta resenha explica e justifica a estrutura comum observada por todos os articulistas: a preocupação, primeiro, de expor a teoria em que se apoiam, para, em seguida, aplicá-la a objetos da área temática escolhida. Essa estrutura confere ao livro um perfil acima de tudo didático, aos não afeitos à semiótica francesa; quando sim, oferece um aprimoramento ao conceito “formas de vida”, considerado, como observam os autores, pouco conhecido por inovador dentro da própria semiótica francesa.

Do ponto de vista dos objetos analisados verifica-se também uma certa uniformidade quanto ao contexto em que se situa a figura central, a mulher: ou seja, a mulher como uma personagem da revista *Atrevida*, a justiça frente ao suicídio feminino, a mulher na antiga revista *O cruzeiro*, numa canção de Chico Buarque (“Com açúcar, com afeto), a famosa personagem de Angeli, Rê Bordosa, para finalizar com Dilma Rousseff em charges da *Folha de São Paulo*.

Se de um lado, na primeira parte dos trabalhos, se reiteram as informações históricas do conceito- desde a Apresentação: “O último Seminário de Semântica Geral de que participou A.J.Greimas realizou-se de 1991 a 1992 em Paris” [...] [com a morte de Greimas logo em seguida] Os textos resultados desse encontro foram organizados por Jacques Fontanille e publicados sob o título “Les formes de vie”, na revista *Recherches sémiotiques. Semiotic inquiry- RSS (1993)*- e todos os trabalhos fazem a sua explanação do próprio conceito, por outro a sequência em que estes se distribuem ganha a função de ir enriquecendo o entendimento do conceito, principalmente dentro da complexidade da rede de outros conceitos implicados ou dele decorrentes, e dentro do universo já desenvolvido na/pela semiótica greimasiana, como a semiótica das paixões, por exemplo. Assim, cada qual em seu estilo, enquanto o texto de Edna Nascimento amplia o horizonte das implicações, num discurso claro, o de Portella e Schwartzmann se caracteriza pela

condensação. Condensação no sentido de que, como se após a lição explicada e esplanada, agora a própria teoria se enuncia, em períodos, parágrafos longos às vezes, em que o leitor testa a sua apreensão e assimilação do conhecimento oferecido.

Pelos títulos dos capítulos, verifica-se que, dentro da dimensão denominada “formas de vida”, o conceito que ocupa o seu centro e o dinamiza é o de “acontecimento” (em oposição ao de rotina, conformismo, por exemplo). “Forma de vida” teria originado da expressão de Wittgenstein (*Investigações filosóficas*) que “a utiliza para generalizar os ‘jogos de linguagem’: a significação de uma expressão não se pode estabelecer senão em seu ‘uso’, que por sua vez pertence a um ‘jogo de linguagem’, o qual por sua vez pertence a uma ‘forma de vida’, explicam Fontanille e Zilberberg, citados na página 114. E traduz Edna Fernandes: “[...] no artigo, intitulado ‘Le beau geste’, [Greimas] explica que uma forma de vida está aliada a um comportamento esquematizável mais profundo que representa não o estilo individual, mas uma filosofia de vida de um determinado grupo cuja ruptura provoca uma mudança radical de forma de vida.”(p. 89). De onde “a sociedade, segundo Greimas, poderia ser analisada a partir da complexidade moral dos seres semióticos que a constituem e não somente classificada em estratos sociais, composições institucionais ou distribuições topológicas: [...]” (p. 89). De certa forma, pode-se dizer que nos objetos escolhidos pelos autores se encontra subjacente essa preocupação, a análise de uma certa sociedade, a partir de uma figura, a mulher.

No contexto de uma sociedade patriarcal, a associação da forma de vida feminina à submissão é uma decorrência esperada. Exatamente por isso, as personagens selecionadas são interessantes e sobressaem pelo que elas contrapõem a essa submissão. Essa contraposição é possibilitada pela ocorrência do que na semiótica francesa se denomina “acontecimento”, essa ruptura no cotidiano que, irrompendo inesperadamente, interfere na vivência do espaço

e do tempo, gera tensões que resultam em outras maneiras de fazer, sentir, ou seja outra forma de vida.

Segundo Claude Zilberberg foi Greimas quem, no seu tão conhecido livro *Da imperfeição*, apontou para a importância do acontecimento na construção do efeito de sentido. A partir do referido Seminário, após a morte de Greimas, Claude Zilberberg e Jacques Fontanille são os dois semioticistas que, entre outros, mas se destacam no estudo dos conceitos de “Forma de vida” e “Acontecimento”, e a que respondem com interesse e dedicação estudiosos brasileiros, como apontamos no início desta resenha, oriundos, direta ou indiretamente, do projeto pioneiro de Ignácio Assis Silva.